

SONUS FABER STRADIVARI EM LISBOA

# Porto de honra

**O Porto não é só Pinto da Costa. É também Manuel Dias, que por acaso é simpaticante do Sporting – sem grande empenho, diga-se, porque ser do «inimigo» no Porto pode ser perigoso.**

&gt; JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

Certos dirigentes do futebol conseguiram em poucos anos o que séculos de história não lograram alcançar nunca: dividir o país em feudos rivais, que se digladiam, literalmente, nos estádios, nos jornais e nas televisões, criando ódios violentos, onde antes um pouco de bairrismo e rivalidade regional nunca fizeram mal a ninguém. Felizmente, Manuel Dias optou pela música em vez do desporto. Eu disse desporto? E, no lugar de jogadores de futebol, dedicou-se à importação de equipamentos de alta fidelidade, embora as verbas envolvidas sejam quase equivalentes: as Stradivari, só para dar um exemplo, custam 30 000 euros!...

Num aspecto Manuel Dias assemelha-se a Pinto da Costa: tem uma grande equipa, a Imacústica, excelentes intérpretes e um espírito ganhador. Mas onde um divide para reinar o outro gosta de juntar e de receber com a hospitalidade que caracteriza as gentes do Norte. Conceição, a esposa, discreta e eficiente, dá o apoio logístico; o suporte técnico está a cargo do Luís, do Guilhermino e do Sérgio, que se sentem em família. Eles e nós.

**O DESAFIO.** Foi esta equipa do Porto que veio a Lisboa disputar mais uma partida importante, perante um público exigente e conhecedor de audiófilos sulistas e elitistas: a apresentação ao vivo da obra máxima de Franco Serblin, as colunas de som Sonus Faber Stradivari, no Hotel Meridien. A avaliar pelo entusiasmo com que foram recebidas e o numeroso público presente, num fim-de-semana de Carnaval a convidar à fuga em massa da cidade, foi mais um desafio ganho num campeonato que começa a sentir já os efeitos da recessão. Até os dirigentes das «equipas» rivais estiveram na festa...

Em Outubro de 2003, assisti em Arcugnano, na Itália, à estreia mundial das Stradivari, que completam a trilogia *Homage*, composta ainda pelos modelos Guarneri e Amati. Desde então, tenho publicado artigos, que cheguei a recear serem excessivamente encomiásticos, sobre a sua beleza única e desempenho excepcional, tanto no DN como no Hificlube ([clube.net\) e, mais recentemente, na edição de Fevereiro da \*Stereophile\*, uma das mais prestigiadas revistas americanas da especialidade. Estava pois algo apreensivo quanto ao resultado desta comparação entre o lido e o ouvido. Até que ponto o reencontro com as Stradivari agora em Lisboa iria confirmar a impressão auditiva inicial que ainda tinha gravada na memória? E em que medida os leitores conhecidos e anónimos presentes ratificariam a minha opinião?](http://www.hifi-</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

**A AUDIÇÃO.** Confesso que se possível ainda gostei mais de as ouvir em Lisboa. O que antes não passava de um amor à primeira vista é agora uma paixão assumida. Alguma dureza na gama média (*slapping echo effect*), que se fez sentir apenas com um ou outro disco, e uma óbvia ressonância no grave, ambas culpa da sala e não das colunas (não é fácil colocar umas colunas de banda larga numa sala enorme e com «maus modos» e obter resultados óptimos em tão pouco tempo) podia ter levado tudo a perder. A qualidade das Stradivari, contudo, é de tal ordem que foi fácil ultrapassar esse inconveniente acústico e concentrarmo-nos apenas na sua notável capacidade de «music making». Nem tudo se resumia pois às características acústicas da sala e ao posicionamento das colunas que foram os principais temas de debate entre os «treinadores de bancada». Uns têm-las-las colocadas mais próximas uma da outra para evitar o efeito de imagem maior-do-que-a-vida; outros teriam optado por «apontá-las» mais para dentro de forma a concentrar o foco da imagem estereofónica. No entanto, esta seria a afinação aconselhada para um ouvinte solitário e não para um grupo de pessoas, conforme argumentou o Luís. Eu talvez tivesse optado ainda por cabos Nordost Valhalla no lugar dos apesar de tudo excelentes Transparent Audio. Em última análise, o excesso de grave podia ter sido controlado com a obstrução parcial ou total do pórtico de saída «reflex» - uma heresia que nem sempre é pecado. De resto, com 90% do que se ouviu, em especial quando a fonte era o LP, as Stradivari provaram à saciedade serem aquilo que eu sempre disse que eram: de uma musicalidade, coerência e veracidade únicas na minha experiência audiófila. As Stradivari são tudo o que as Quad gostariam de ter sido e nunca foram: completas. E, ao contrário das Wilson, por exemplo, que são fortemente personalizadas, apetece ouvir mais e mais música de todos os géneros, tipos e proveniências, porque tudo soa natural e sem artificialismo electrónico. As Stradivari têm paz interior e transmitem-na ao ouvinte na forma de música com coerência temporal, integridade tímbrica e riqueza tonal, tal como são percebidas pelo ouvido humano, e não necessariamente por equipamento de medida. As Stradivari

esgotam o meu manancial de lugares comuns e hipérbolos quando se trata de tentar descrever aspectos em que redefinem o conceito de realismo acústico e transparência, patente em particular na forma como reproduzem o «decay», o último suspiro dos sons antes de se extinguirem no silêncio. Curioso como uma coluna de som que reproduz tão bem a vida, ao ponto de instrumentos e vozes se corporizarem na sala com elevado factor de surpresa (*startling effect*), se revelou também exímia na reprodução da... morte. Há outras colunas de som capazes de nos darem imagens deste realismo impressionante. Mas, tal como as figuras de cera no museu de Madame Tussaud, causam-nos por vezes um profundo mal-estar, tudo porque lhes falta a alma, como aos cadáveres na pedra fria da morgue.

**A ALMA.** As Stradivari têm alma - literalmente: a alma. A mesma pequena peça de madeira que liga o tampo e o fundo dos violinos e sem a qual estão mortos para a música. A breve audição comparativa de peças musicais interpretadas magistralmente por Salvatore Accardo, respectivamente num violino Stradivari, Amati e Guarneri, tornou evidente para todos os presentes por que motivo Franco Serblin chamou «Stradivari» à sua última obra de arte inspirada no grande mestre de Cremona. Por mim, ficava já por aqui até ser velho e surdo: as Stradivari lembram-me as minhas queridas Apogee Duetta - para melhor...

**A COMUNHÃO.** Nunca assisti a uma demonstração comercial de equipamento de som onde as pessoas, homens e mulheres, estivessem tanto tempo sentadas a olhar para o vazio unidas pela comunhão de sentimentos, sentindo-se como que emocionadas e incrédulas perante uma tal manifestação de beleza acústica, enquanto Vitória, a única bebé presente, dormia o sono puro da inocência embalada pelo ritmo da música. Experimente fazer isso com um sistema AV sem imagem...

Nota: As Stradivari vão ficar em Lisboa, em demonstração dinâmica nas instalações da Absolut Sound&Video, R. Piñheiro Chagas, 17-C, telef. 213 552 710.

P.S. Quero agradecer as inúmeras manifestações de carinho e os elogios ao meu trabalho no DN e expressar o prazer recíproco que foi conhecer tantos leitores anónimos que são, no fundo, a razão de ser da minha escrita.



Sonus Faber Stradivari, a alma da música

## 2.ª MEGAFEIRA DO DISCO

### COIMBRA

Praça da República

Março

4 e 6 - das 11h00 às 23h00

7 - das 11h00 às 20h00

Milhares de títulos em CD e Vinil  
(Todos os géneros musicais)

CONTACTUS:  
Tm. 965 020 457 / 919 311 343

Organização:



Apóio:

